

## **Jornalismo e Documentário: Observações a partir de *Tiros em Columbine*<sup>1</sup>**

Manoela NOGUEIRA<sup>2</sup>

Gilmar HERMES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **Resumo**

O presente artigo busca observar no cinema documental elementos pertencentes ao jornalismo através de uma análise do filme *Tiros em Columbine* (2002). O documentário é um tipo de narrativa que utiliza imagens para representar o mundo, essa representação é feita através da visão do documentarista, o que acarreta em um fluxo de informações para o espectador. O modo como o documentário é construído favorece o uso de algumas técnicas do jornalismo, como as fontes, entrevistas e as perguntas do lide. Através da análise do documentário em questão, foi possível observar que a subjetividade é bastante presente neste gênero, e que, não se pode esquecer que a voz do documentarista influencia no conteúdo que é transmitido ao espectador.

**Palavras-chave:** documentário; jornalismo; lide.

### **Introdução**

O jornalismo e o cinema há muito tempo vêm sendo relacionados entre si. Principalmente, por ambos serem de fácil acesso à população e grandes fontes de reflexão. Muito se tem estudado para se entender mais como esses dois gêneros se correlacionam, o que será parte do estudo dessa pesquisa, buscando entender se a construção da informação do documentário se aproxima da informação jornalística.

O cinema documental, às vezes, é confundido como sendo parte do jornalismo, por ter um cunho informacional. E é notório o número de pessoas que busca informações através deste gênero do cinema, principalmente, por acreditar no seu compromisso com a verdade.

O termo documentário surgiu na década de 20, a partir de uma resenha crítica escrita pelo sociólogo inglês John Grierson. Posteriormente, o autor viria a definir documentário como um tratamento criativo da sociedade, visando à conscientização social para os problemas que dizem respeito a todos. (PENAFRIA, 2014)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º Semestre de Jornalismo/ UFPel, e-mail: [manoelamnoqueira@gmail.com](mailto:manoelamnoqueira@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho. Professor do curso de Jornalismo/UFPel, e-mail: [ghermes@yahoo.com](mailto:ghermes@yahoo.com)

Os documentários estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas, seja em séries especiais produzidas por canais de televisão ou até mesmo em produções independentes. Desta forma, a circulação de informação por meio do audiovisual tem crescido.

O presente trabalho diz respeito a uma parte do projeto de conclusão de curso para obtenção de grau em jornalismo, tendo como objetivo observar, através dos pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo, os elementos do jornalismo no cinema documental, tais como: as perguntas do lide, a utilização de fontes e de entrevistas. Para tal foi escolhido o documentário do cineasta americano Michael Moore, *Tiros em Columbine* (2002) como objeto de pesquisa.

A metodologia utilizada na presente pesquisa é a Análise de Conteúdo, orientada, principalmente, por Bardin (1977). Na Análise de Conteúdo se busca identificar os elementos significativos, para assim, fazer asserções sobre o que estes representam em relação às práticas jornalísticas ou à relação que se estabelece entre documentário e jornalismo.

Para embasar as questões abordadas no artigo sobre cinema documental, foram escolhidos os autores Nichols (2012) e Ramos (2009). Já no que se diz respeito ao campo do jornalismo, os autores base são: Traquina (2012), Pena (2013) e Lage (2009).

O documentário foi escolhido pela repercussão que teve e pela forma como o assunto foi abordado por Michael Moore. *Tiros em Columbine* ganhou o Oscar de melhor documentário de longa-metragem em 2003 e rendeu diversos prêmios internacionais.

## **O cinema documental**

Para Manuela Penafria (2014), em seu artigo *O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico*, foi a partir dos estudos de John Grierson que o cinema documentário teve um grande avanço para a sua época, principalmente com a criação da Escola Britânica de Documentário, fundada por Grierson. Ele lançou como proposta principal a ideia de documentário como uma forma de produção cinematográfica específica, sendo assim diferenciado dos demais gêneros do cinema.

Embora a definição de Grierson para documentário seja, atualmente, criticada por alguns estudiosos que não acreditam na separação do gênero documentário, e sim, filme documentário, serve como base para o cinema como suporte de utilidade pública.

Em seu artigo *O documentarismo no cinema*, Penafria (2001) discorre sobre a questão da definição do documentário. Para a autora, ainda não se tem uma definição que agrade a todos, contudo, a busca pela definição do cinema documentário nos leva para a sua constituição enquanto gênero. Assim como o cinema, que iniciou através do registro de imagens de momentos da vida cotidiana, o cinema documentário, procura registrar os acontecimentos do mundo e das vidas das pessoas. (PENAFRIA, 2001)

Para Nichols (2012, p.48), autor de *Introdução ao Documentário*, “a imprecisão da definição resulta em parte, do fato de que definições mudam com o tempo e, em parte, do fato de que, e em nenhum momento uma definição abarca todos os filmes que poderíamos considerar documentários”.

Como mencionado, não existe uma definição para o termo documentário, contudo, o autor Fernão Pessoa Ramos (2008), em seu livro, conseguiu expressar o que esta pesquisa acredita como sendo esta modalidade de filme. Para Ramos (2008), é um tipo de narrativa que utiliza de imagens para fazer representações sobre o mundo. A singularidade da narrativa documentária é determinada pela “natureza das imagens-câmera” e, principalmente, pela “dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas” (RAMOS, 2008, p.22).

Como não se pode simplesmente rotular, definir ou conceituar o cinema documental, é necessário que se entenda como este é feito e quais são as suas principais características. Ramos (2008) aponta que a questão estilística é fundamental para que se entenda o gênero documental.

Uma das primeiras características, mencionadas pelos autores em geral, é a diferenciação entre o cinema de ficção e o documental. E esta relação realmente existe, contudo, insiste-se em dizer que a ficção cria uma história e o documentário retrata tal como ela é. Mas aí está um erro, pois o cinema documental é representação da realidade e não uma mera reprodução.

Para Rotha (*apud* DÁ-RIN, 2004, p. 54), existe uma grande diferença entre o cinema documental e o de ficção, visto que o primeiro necessita de um enredo para criar o seu filme, e o documentário precisa somente de um tema bem definido. É a partir do assunto que o documentário irá construir o seu filme, com base nos acontecimentos e história de pessoas sobre este.

Outra diferença entre o documentário e a ficção, segundo Dá-rin (2004), é em relação as estratégias utilizadas na produção de sentido. Ao assistir a um filme de ficção o

espectador terá uma percepção diferente do que ao assistir a um filme documental, e isso se explica devido à forma como os assuntos são tratados pelo diretor.

Os filmes que são intitulados como sendo documentários possuem características similares nas suas construções de sentido. Bill Nichols (2012) aponta que estes filmes começam propondo um problema, em seguida, transmitem informações históricas e continuam com um exame da gravidade ou complexidade atual do tema.

Outro fator importante no cinema documental é a presença da voz que narra a história contida no filme. Essa voz traz consigo elementos do próprio ponto de vista do documentarista, sendo, geralmente, narrada em primeira pessoa e sem imparcialidade.

Normalmente a voz no documentário tende a assumir uma posição, geralmente de forma oratória, e busca convencer o espectador a respeito do que está dizendo. A narração que o documentário apresenta nem sempre segue a lógica, além disso, tem o objetivo de inspirar confiança em determinado ponto de vista (NICHOLS, 2012).

Entre outras características observadas no documentário estão a utilização de imagens e do som ambiente, a presença do diretor em cena, a descrição dos acontecimentos e as formas de composição (estética, iluminação, montagem...) do filme (ROCHA, 2003).

O filme documental transmite aos espectadores determinadas visões sobre o mundo histórico, e, para que isso seja possível, são utilizados diversos elementos, como a música, a própria imagem em movimento, a voz e até mesmo edições.

Segundo Ramos (2008), os elementos estruturais que auxiliam para a representação do documentário são: “tomada da imagem”, “sujeito da câmera”, “fôrma câmera”, “montagem narrativa” e “o espectador”. Esses estão presentes desde a captação até a recepção do filme.

Ramos (2008) define que a “tomada da imagem” documentário se dá “pela presença de um sujeito sustentando uma câmera/gravador na circunstância de mundo, em que, formas deixam seu traço em um suporte” (RAMOS, 2008, p.82). Além disso, essa tomada deve ser feita com um viés histórico, sem esquecer, que de acordo com o estilo de documentário, esta irá sofrer alterações.

O “sujeito da câmera”, segundo Ramos (2008, p.84) “está sempre presente, enquanto sujeito na circunstância da tomada”. Este sujeito incorpora os sentidos da tomada e é responsável pelo “olhar” na tomada da imagem.

“A forma da imagem-câmera é basicamente uma *fôrma*. Uma [“fôrma câmera”], pois tudo o que atravessa suas lentes e deixa o traço de sua presença no suporte é formado maquinicamente pela fôrma” (RAMOS, 2008, p.84).

Em relação à “montagem narrativa”, está se dá através de diversos elementos, que buscam fazer asserções sobre o mundo (RAMOS, 2008). É importante lembrar que existem diferentes tipos de vozes, e que, até mesmo, a trilha sonora do documentário influencia na forma como esse faz asserções.

O “espectador” é um elemento essencial para o documentário, pois é para este que o filme é produzido. É também através do espectador que é possível identificar a diferença entre ficção e documentário, pois o documentarista busca mostrar um posicionamento sobre uma questão, e não apenas entreter este (RAMOS, 2008).

Bill Nichols (2012) defende que existem seis modos principais de fazer cinema documentário, e que estes se apresentam como mais uma forma de caracterizar o gênero documental. Na tabela 1, são detalhados os modos com base em Nichols (2012)

Tabela 1: Modos do documentário (NICHOLS, 2012, p.62)

<b>Modo</b>	<b>Características</b>
<b>Poético</b>	Aproximação com o cinema experimental, de vanguarda ou pessoal
<b>Expositivo</b>	Possui como base o comentário verbal e a lógica argumentativa
<b>Observativo</b>	Utiliza de câmera discreta para representar o modo de vida das pessoas (atores do documentário)
<b>Participativo</b>	O documentarista possui uma interação maior com o tema. Utiliza de entrevistas e imagens de arquivo.
<b>Performático</b>	Utiliza do envolvimento do cineasta com o tema, através do aspecto subjetivo ou expressivo.
<b>Reflexivo</b>	Neste modo, o documentarista deixa claro as condições em que o documentário foi filmado, fazendo com que o espectador tenha conhecimento dos procedimentos e faça parte deste.

Nichols (2012, p.154) explica que “quando assistimos documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente”. Além disso, de acordo com Nichols (2012), o cineasta possui papel semelhante ao de um ator social nesse tipo de filme.

Desta forma, é possível classificar *Tiros em Columbine* no modo participativo, pois ao longo do documentário se observa o posicionamento de Moore a respeito dos assuntos que ele presenciou, fazendo com que o espectador tenha uma ideia sobre o que o cineasta acredita. Além disso, a presença de Moore em cena é muito importante para a construção do filme, até mesmo na forma as entrevistas são realizadas.

### **Tiros em Columbine**

O documentário *Tiros em Columbine*, dirigido por Michael Moore, foi lançado em 2002 nos Estados Unidos, tendo sido reconhecido como o melhor filme do gênero pelo Oscar em 2003. Além disso, também ganhou outros importantes prêmios, como o Cannes e da Academia de Cinematografia Francesa.

Seu ponto de partida é o massacre em Columbine que aconteceu em 20 de abril de 1999, no Colorado, Estados Unidos. A partir desse acontecimento, Michael Moore busca fazer asserções a respeito da cultura da violência daquele país.

Um dos principais objetivos do filme é tentar descobrir o porquê de ter acontecido tal massacre em Columbine e também porque acontecimentos semelhantes acontecem nos Estados Unidos, diferente de outros países.

A conclusão que o cineasta chega é de que a mídia tem um papel muito importante nesse contexto, visto que a maioria dos jornais retrata a violência e isso, segundo o cineasta, poderia provocar uma certa cultura do medo em relação à violência.

### **O Jornalismo**

Para Traquina (2012), no livro *Teorias do Jornalismo volume I*, o jornalismo é um conjunto de histórias e os jornalistas são os contadores dessas histórias. A construção das notícias também se dá a partir de critérios de noticiabilidade, como a atualidade, que buscam informar o leitor sobre determinado acontecimento.

Ainda segundo Traquina (2012, p.20) “o jornalismo poderia ser explicado pela frase de que é a resposta que muita gente se faz todos os dias – o que é que aconteceu/está acontecendo no mundo?”. O papel do jornalismo como fonte de informação para a sociedade é visível, visto que todos os dias milhares de pessoas buscam informações através do jornalismo.

Para que um fato seja divulgado, o jornalista utiliza critérios de noticiabilidade, como a atualidade, tempo e novidade. De acordo com Traquina (2005, p.63) os critérios de

noticiabilidade podem ser definidos como “conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia”.

Para que seja possível informar a população sobre o que está acontecendo, o jornalismo utiliza de algumas técnicas para repassar as suas informações. Entre elas, está o lide, “que nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo as perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e porquê” (PENA, 2013, p.43)

A maneira como o lide é construído objetiva que o leitor tenha o desejo de ler toda a notícia, e para isso, recebe um tratamento estilístico especial. Entre as funções exercidas por este, destacam-se: apontar a singularidade da história; informar o que se sabe de novo; apresentar dados que situem o leitor para o assunto abordado; articular os elementos do acontecimento e resumir a história, sem perder informações (PENA, 2013).

Kovach e Rosenstiel (2004) discorrem sobre o aparecimento do lide, segundo os autores este surgiu pela necessidade de organizar o fato contado na notícia, pois antes dessa técnica, era comum que os textos jornalísticos apresentassem recortes de uma história e fossem muito longos. Falando sobre diversos assuntos e demorando para explicar o fato que realmente aconteceu.

Segundo Kovach e Rosenstiel (2004), embasados pelo pensamento de Roy Peter Clark, professor de escrita criativa no Poynter Institute na Flórida, os elementos básicos do lide jornalístico podem ser repensados, buscando não se limitar somente a identificação da hora e do local do fato. Para isso seria necessário experimentar novas técnicas narrativas, como é possível observar no exemplo a seguir:

Se pensarmos em “quem” como personagem, “o quê” como cenário e “como” como função de narrativa, podemos combinar informação e narração. As notícias deixam de ser simples dados para adquirirem um significado. Mas fazê-lo, obviamente, exige mais investigação e mais curiosidade por parte do repórter. (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p.162)

Desta forma, não é difícil perceber que a utilização do lide no texto jornalístico pode sofrer mudanças de acordo com o profissional, contudo, a sua função de informar sobre o fato e provocar desejo de conhecimento no leitor permanece, independente do recurso estilístico utilizado.

Outro recurso muito utilizado no jornalismo são as fontes, que ocupam um lugar essencial na construção das matérias jornalísticas, os profissionais da comunicação recorrem a estas para obter informações sobre determinados assuntos. Para Herbert Guns



(*apud* Schmitz, 2011), as fontes são as pessoas consultadas ou entrevistadas, que auxiliam na construção da pauta e fornecem informações para a construção da notícia.

Para o modelo de comunicação criado por Shanon e Weaver (1949) o emissor tem autoridade na transmissão de uma mensagem, sendo esta transmitida em um canal por meio de código para o receptor. Já o modelo criado por George Gerbner estabelece a prioridade de representar subjetivamente a realidade antes de transmiti-la, desta forma, a percepção da realidade não é tarefa de um só homem (LAGE,2009).

Embasados pelos pensamentos concedidos pelos modelos de comunicação, percebe-se que para a construção de uma realidade mais parecida com o real, é necessário que sejam consultados outros agentes. Uma matéria jornalística não é escrita com base somente na observação do profissional, tornando-se necessária a consulta a fontes.

Para que uma notícia seja produzida, ela passa por diferentes profissionais (pauiteiro, repórter e editor, por exemplo) e cada um contribui com a sua carga cultural. Deste modo, não é difícil perceber que nenhum relato é imediato (PENA, 2013).

Schmitz (2011) discorre sobre uma expressão muito comum no jornalismo: “ir à fonte”. Para o autor isso se refere a procurar pela pessoa ou organização que pode fornecer a informação exata sobre algo, ou até mesmo indicar a origem do fato.

Como as fontes utilizadas são geralmente pessoas ou organizações, estas não são imparciais e acabam por descrever o fato através da sua própria visão. Em relação a isso, o autor Felipe Pena (2013, p.57), em seu livro *Teoria do Jornalismo*, diz que: “A fonte nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediado pelo óculos de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos”.

Existem diferentes tipos de fontes que podem ser consultadas, e dependendo desta, o nível de confiabilidade irá ser diferente. Por exemplo, uma fonte oficial é tida como a mais confiável.

Segundo Nilson Lage (2009) as fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado, instituições que representam o Estado, empresas ou organizações. Já as fontes oficiosas são ligadas a uma entidade ou individuo, contudo estes não estão autorizados a falar. Quando não se tem relação de poder ou interesse específico no caso, chamamos de fonte independente.

Outro tipo de fonte são as primárias, utilizadas pelos jornalistas para colher o essencial de uma matéria, fornecem fatos, versões e números. No entanto quando se consulta uma fonte para a preparação de uma pauta, ou como medida para chegar melhor



prevenido às fontes cruciais, entrevistando cientistas ou pesquisadores por exemplo, esta é a chamada fonte secundária (Lage, 2009).

Além dos tipos mencionados, existe a testemunhal, que possui relação direta com o fato. Para Felipe Pena (2013) é importante lembrar que seu relato é mediado pela emoção. Já Lage (2009) lembra que o testemunho mais confiável é aquele que se apoia na memória de curto prazo, mais fidedigna.

Outro tipo de fonte que vem sendo muito utilizada no jornalismo é a em *off*, que ocorre quando a pessoa que transmite determinada informação não quer ser identificada. Segundo Schmitz (2011) a fonte em *off* necessita de certo grau de confiança entre o jornalista e a fonte.

Outra técnica comum no jornalismo é a entrevista. Nilson Lage (2009, p.73) explica que “a entrevista é um processo clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

A entrevista é algo essencial para a profissão do jornalista, visto que poucas matérias nos jornais são realizadas sem que haja uma entrevista, por menor que seja a nota será necessário obter informações a partir de uma pessoa. (ROUCHOU,2003).

Para Medina (2002) *apud* Caputo (2006) a entrevista é uma técnica de interação social e de interpretação informativa. Desta forma, ela é utilizada como forma de fazer com que outras pessoas tenham vozes, auxiliando para a distribuição democrática da informação.

## **Metodologia**

Para a observação dos elementos do jornalismo no documentário, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo. Para Bardin (1977) a Análise de Conteúdo é um conjunto de procedimentos que buscam conhecimentos a respeito da produção e recepção dos sentidos produzidos.

Existem dois tipos de Análise de Conteúdo, a qualitativa e a quantitativa. A primeira diz respeito à tentativa de deduzir o que está dito no texto, e a segunda, à frequência de determinados eventos. Na pesquisa em questão, será utilizada apenas a análise qualitativa, buscando identificar os elementos jornalísticos (lide, entrevistas, critérios de noticiabilidade e fontes) que aparecem no filme, produzindo assim uma reflexão tanto sobre o gênero documentário como sobre as práticas do telejornalismo.

Para Bardin (1977) o método de Análise de Conteúdo se dá em cinco partes: organização da análise, codificação, categorização, interferência e tratamento informático.

A Análise de Conteúdo consiste em identificar nos textos os elementos significativos a partir dos quais é possível fazer inferências. Essas observações visam, neste caso, refletir sobre os conceitos jornalísticos a partir de como as técnicas jornalísticas podem ser questionadas ao aparecem de forma semelhante na produção de um documentário.

Na presente pesquisa, a Análise de Conteúdo foi utilizada para buscar entendimentos a respeito dos elementos jornalísticos, mais especificamente, se as perguntas do lide foram respondidas ao longo do documentário e como as entrevistas e fontes jornalísticas foram utilizadas na construção da narrativa.

A análise foi realizada através da observação do filme duas vezes, sendo a primeira somente com intuito de conhecimento dos fatos e observação de possíveis índices para análise, e a segunda, já analisando e anotando os principais pontos de interesse para a pesquisa, como as fontes, entrevistas e perguntas do lide jornalístico.

### **Leitura: Tiros em Columbine e os Elementos do Jornalismo**

Ao iniciar o filme, logo nos seus primeiros 48 segundos, a voz do documentário traz a seguinte informação:

Era a manhã de abril de 1999. Era muito parecida com qualquer outra manhã nos Estados Unidos da América (EUA). Os fazendeiros trabalhavam no campo. O leiteiro fazia suas entregas. O presidente bombardeava outro país, cujo nome nós não conseguimos pronunciar. Em Fargo, na Dakota do Norte, Kerry McWilliams fazia a sua caminhada matinal. No Michigan, a senhora Hughes recebia as crianças na escola. E em uma pequena cidade no Colorado, dois amigos jogavam boliche às seis da manhã. Sim, é verdade. Era um típico dia nos EUA. (MOORE, 2002)

A partir desse trecho, é possível identificar que o documentário traz no seu início a informação referente a pergunta *quando*, elemento utilizado no lide jornalístico. Contudo, não fica claro ao espectador *o que* aconteceu nesse dia, e para isso, terá que continuar assistindo a obra para saber.

É interessante observar que, mesmo de forma sutil, Michael Moore, traz parte do acontecimento de Columbine para a abertura do seu filme, como é possível observar quando fala que no Colorado dois amigos jogavam boliche às seis da manhã, fato que realmente aconteceu antes da tragédia no colégio Columbine, pois os dois estudantes responsáveis pela tragédia tiveram aulas de boliche antes de realizar o tiroteio.

Após esse trecho, o documentário utiliza de diversas *entrevistas* e *fontes* para explorar a cultura armamentista nos EUA. Isso se torna possível observar quando Moore entrevista uma milícia americana, questionando o motivo pelo qual eles pertenciam a tal grupo, e mostrando que este comportamento faz parte de uma cultura essencialmente americana.

Durante as *entrevistas* iniciais realizadas em *Tiros em Columbine*, é possível observar que o documentário busca mostrar o porquê dos americanos entrevistados utilizarem armas de fogo no seu dia a dia, aproximando o espectador do assunto tratado no documentário.

O espectador que estiver assistindo *Tiros em Columbine*, poderá ter uma noção melhor de como funciona a questão cultural nos Estados Unidos, e como isso pode se aproximar com a tragédia protagonizada em Columbine.

Entre as fontes consultadas pelo cineasta se tem um policial (*fonte oficial*), que conta um acontecimento que envolveu armas de fogo. No seu relato, que nada tem em comum com o de Columbine, a não ser que foram utilizadas armas de fogo, é possível identificar uma pequena notícia dentro do documentário, enriquecendo a visão do espectador sobre o tema.

Aos quatorze minutos do documentário, pela primeira vez, é mencionado o massacre em Columbine, através de uma *entrevista* realizada com dois jovens que moravam na mesma cidade que um dos estudantes responsáveis pelo acontecimento. Neste momento, o espectador tem contado com *o quê*, do lide jornalístico.

Esta *entrevista*, além de apresentar o massacre em Columbine, aproxima mais uma vez o espectador da realidade local vivenciada pelos dois adolescentes que protagonizaram a tragédia. Mesmo sem saber do acontecimento que motiva o documentário, o espectador já possui uma relação direta com este.

Na continuação da narrativa são realizadas entrevistas que visam mostrar como é a vida em *Littleton*, distrito onde está situada a escola Columbine, oportunizando ao espectador uma tentativa de compreensão sobre a realidade que o acontecimento está situado.

Aos 28 minutos do documentário, o dia 20 de Junho de 1999 aparece sobre um fundo preto, chamando a atenção para a data. Contudo, ao invés de ir direto ao acontecimento em Columbine, se tem a notícia de um bombardeio protagonizado pelos EUA na Ucrânia.

Em relação ao massacre em Columbine, esse é apresentado no documentário aos 32 minutos, sendo transmitido por imagens de arquivo das câmeras de segurança do colégio e gravações de áudio da polícia local.

Quando a voz do documentário faz asserções sobre o acontecimento, transmite o número de mortos, o nome dos responsáveis, o número de munições utilizadas e onde estas foram compradas.

Nessa parte, é possível observar que as perguntas referentes ao *como, quem e onde*, do lide jornalístico, foram respondidas. Além disso, não é difícil enxergar uma semelhança entre a narrativa documentária e jornalística, como é possível observar no trecho a seguir:

No fim do tiroteio, Erick Harris e Dylan Klebold, mataram doze estudantes e um professor. Várias pessoas ficaram feridas com as mais de 900 munições que foram disparadas, todas compradas legalmente em lojas da região. [...] No fim, eles dispararam neles mesmos. (MOORE, 2002)

Tendo-se definido no documentário as perguntas referentes ao *o quê, quem, como e onde* referentes ao massacre em Columbine. Michael Moore busca solucionar o *porquê*. Para isso, além das entrevistas utilizadas anteriormente que situavam o espectador sobre a cultura armamentista e vida em *Littleton*, o cineasta recorre a *fontes e entrevistas*, buscando a opinião destas.

Durante uma entrevista com o cantor, Marilyn Manson, Moore chega à conclusão que tal acontecimento poderia ter sido ocasionado pela cultura de medo que é transmitida diariamente pelos veículos de comunicação.

A partir desse ponto, Moore desenvolve a sua teoria sobre o *porquê* de tal acontecimento, e para isso, recorre a resgates históricos em relação à cultura armamentista dos EUA, e até mesmo, a estatísticas comparativas com outros países.

Para desenvolver a sua teoria sobre a cultura de medo ser responsável pelo grande número de tragédias que acontecem nos Estados Unidos, Moore entrevista Barry Glasner, autor do livro *Cultura de Medo*. Durante a sua fala, Glasner traz a estatística de que o número de mortes por armas de fogo diminuiu em 20%, contudo, os informes veiculados pela mídia sobre violência aumentaram em 600%.

A abordagem do *porquê* referente ao acontecimento de Columbine não fica restrita somente à realidade local, também são utilizadas estatísticas que mostram o número de mortes ocasionadas por armas de fogo em diferentes países, fazendo uma comparação com os EUA.

Além disso, para fortalecer o seu pensamento de que a mídia reforça o medo da população, Moore utiliza de notícias falsas que foram veiculadas em telejornais e que nunca se concretizavam. Estas tinham algo em comum: instigavam o medo da população.

Algumas das informações trazidas para fazer contexto ao pensamento do cineasta em relação ao motivo do acontecimento em Columbine não possuem referências, como é o caso do histórico que é feito dos Estados Unidos e a relação com o conteúdo transmitido pela mídia canadense, que segundo Moore, não traz tanta violência.

Por isso, a partir dessa abordagem, se observa um distanciamento entre o jornalismo e o documentário, já que o argumento de Moore é baseado no seu pensamento, produzindo uma abordagem opinativa, com argumentos que favorecem o seu ponto de vista.

### **Considerações Finais**

A partir da análise realizada é possível observar que o documentário contempla as respostas das perguntas do lide jornalístico, sendo estas: *o que, quando, onde, como e porquê*. Contudo, diferente do campo jornalístico, essas perguntas não são respondidas logo no começo do filme, e muitas vezes, apresentam-se de forma opinativa.

Também foi observado que a partir do questionamento sobre o *porquê* de ter acontecido o massacre em Columbine, o documentário se distinguiu do jornalismo, pois deu voz às hipóteses criadas com base na observação do cineasta, Michael Moore.

As entrevistas jornalísticas, além de serem fontes de informação, foram utilizadas como uma forma de aproximar o público do contexto em que estavam inseridos os jovens responsáveis pela tragédia em Columbine, como foi possível observar através de entrevistas com residentes e pessoas de idades próximas às dos estudantes.

O documentário busca transmitir ao seu espectador uma noção completa do acontecimento e não se detém somente ao *o quê, quando e onde*, como se pode observar em algumas notícias atuais. Ao contrário, para o documentário as perguntas mais importantes são *o como e o porquê*, como foi possível observar pelo grande destaque que estas tiveram ao longo do filme.

A utilização de diversas fontes forneceu ao documentário uma riqueza no conteúdo, no que diz respeito, principalmente, aos diferentes pontos de vista sobre o acontecimento em Columbine.

Também é importante ressaltar que o documentário é uma retratação da realidade, e diferente do jornalismo, não objetiva ser imparcial, e por isso, ao se informar por esse

gênero do cinema é de extrema importância ter noção do quanto a voz do documentário (ou diretor) pode influenciar nas informações transmitidas.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, outras análises serão realizadas visando uma melhor interpretação dos sentidos contidos no documentário *Tiros em Columbine*. Além disso, também serão observados os critérios de noticiabilidade do telejornalismo, visando entender se estes estão presentes no documentário em questão.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas - Teoria, Prática e Experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

DÁ-RIN, Silvio. **Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário Cinematográfico**. Rio de Janeiro, RJ: Azougue, 2004.

LAGES, Nilson. **A Reportagem – Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5º Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012

NICHOLS, Bill (2005) “A voz do documentário”. In. Ramos, Fernão Pessoa (Org). **Teoria Contemporânea do Cinema: Documentário e Narrativa Ficcional**. São Paulo: SENAC

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2008

RAMOS, Fernão Pessoa (2004) “Cinema de Verdade no Brasil”. In. Teixeira, Francisco Elinaldo (Org). **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus.

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.html>. Data de acesso: 02/11/2014

ROUCHOU, Joê. **A entrevista na história oral do Jornalismo**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: . Data de Acesso: 15/11/2014

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias : ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis : Combook, 2011

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filmedocumentario-debate.html> . Data de Acesso: 22/10/2014

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo do Cinema**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em:

[http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria\\_manuela\\_documentarismo\\_cinema.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf) . Acesso em: 22/10/2014

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Volume I: Porque as notícias são como são 3e.d. Florianópolis: Insular, 2012.

**Filmografia:**

Tiros em Columbine. Michael Moore, Dog eat Dog, Estados Unidos, 114 min, 2002.